

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Contação de histórias: o uso da videoaula no ERE

LAILY BRASIL DOS SANTOS

PORTO ALEGRE

2023

LAILY BRASIL DOS SANTOS

Contação de histórias: o uso da videoaula no ERE

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.**

Orientadora: Prof.^a Dra. Silvana Corbellini

PORTO ALEGRE

2023

Ficha catalográfica gerada automaticamente pela UFRGS

Laily Brasil dos Santos

Contaçon de histórias: o uso da videoaula no ERE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtençon do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Corbellini

Aprovado em: 04/04/2023

Conceito: A

BANCA EXAMINADORA:

Alexandra Lorandi Macedo

Marcelo Oliveira da Silva

RESUMO

O trabalho visa investigar como as videoaulas contribuíram para os processos de ensino¹ e aprendizagem na Educação Infantil durante o período da pandemia Covid-19 em que as escolas estavam trabalhando na modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE). A coleta de dados foi realizada a partir de dezembro de 2021, quando os professores participantes estavam concluindo sua prática docente em seus ambientes de trabalho e concluídas aproximadamente em abril de 2022, já em um contexto de menor taxa de atividades à distância. Utilizaram-se questionários, respondidos por cinco professores da Educação Infantil que relataram sua experiência de trabalho com videoaulas no período mais crítico da pandemia. Os questionários foram respondidos à distância através do WhatsApp e Google Documentos. Com este estudo, a intenção é desenhar um pouco da experiência de trabalho realizado durante a pandemia para o público da Educação Infantil, com foco na estratégia pedagógica de contar histórias. A pesquisa está centralizada em realidades nas quais as comunidades escolares apresentavam condições de acesso à internet e a recursos tecnológicos. Constatou-se que as videoaulas foram importantes para que os professores reinventassem suas práticas aliando-as às tecnologias, devido à necessidade do momento, e a tecnologia mostrou-se uma importante aliada na manutenção das atividades em contextos de isolamento social.

Palavras-chave: pandemia; videoaulas; tecnologias; educação infantil.

¹ O termo ensino está conectado com as aprendizagens docentes

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. Referencial teórico	9
2.1 Educação Infantil	9
2.2 Educação Infantil em tempos de pandemia	12
2.3 O uso de tecnologias e videoaulas	15
2.4 Contação de histórias em formato de vídeos.....	20
3. Metodologia	24
4. Apresentação e análise dos dados	26
5. Análise geral	34
6. Considerações finais	39
7. Referências	42
8. Apendicês	48
8.1 Questionário	48
8.2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	49

1. INTRODUÇÃO

As tecnologias estão extremamente presentes no cotidiano das pessoas e no período pandêmico proveniente do vírus SARS-CoV-2, mais conhecido como COVID-19 ou Coronavírus, as tecnologias de comunicação tornaram-se instrumentos imprescindíveis. Durante o período de 2020, estendendo-se para 2022, fomos afetados como sociedade pelo distanciamento social forçado por esta doença infecciosa. As tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) e o acesso à rede de internet foram importantes para a manutenção de atividades e contatos.

Utilizando como impulso o contexto acima, o tema abordado neste trabalho teve como principal inspiração a experiência da pesquisadora como residente do Programa de Residência Pedagógica² da Universidade Federal do Rio Grande do Sul nos anos de 2020 - 2022. O trabalho como residente no programa foi realizado totalmente à distância, integrado a escola campo³, com apoio de aulas síncronas na plataforma de videoconferência Google Meet, entrega e recepção de atividades no Google Classroom (por parte de professores e alunos) e contatos gerais pelo WhatsApp. Estas estratégias foram parcialmente eficientes e proporcionam, no meio educacional, o contato com os alunos durante a fase mais crítica da pandemia. Porém, algumas famílias não tinham condições para disponibilizar dispositivos eletrônicos no horário das aulas porque também estavam usando celulares, notebooks, computadores, tablets (e outros recursos) para trabalho home office no mesmo período de atendimento escolar. A partir deste contexto considerou-se a possibilidade do uso de videoaulas como um recurso que naquele momento garantiria contato com a escola em qualquer oportunidade que fosse mais confortável para as famílias e alunos.⁴

² O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.

³ Termo usado para denominar as escolas que acolhem o Programa de Residência Pedagógica.

⁴ Considerando o contexto específico de uma comunidade escolar com condições de acesso a internet e ferramentas tecnológicas.

Diante das circunstâncias descritas, o problema da pesquisa traz a seguinte pergunta: Como as videoaulas contribuíram para os processos de ensino e aprendizagem da Educação Infantil no Ensino Remoto Emergencial?

Apesar do contexto de inspiração para o tema estar imerso na realidade do Ensino Fundamental durante o distanciamento social, a pesquisadora opta por pesquisar o atendimento na Educação Infantil (EI) durante o mesmo período, pois vem atuando profissionalmente há alguns anos em escolas de EI, com a pretensão de retratar como esse nível educacional funcionou durante o ensino remoto emergencial.

O objetivo geral foi focado em sondar como as videoaulas contribuíram para os processos de ensino e aprendizagem da Educação Infantil no Ensino Remoto Emergencial no contexto da pandemia do Covid-19. Como objetivos específicos, procurou-se analisar a importância do uso das tecnologias no contexto de isolamento social; investigar a importância da contação de histórias e avaliar o uso de vídeos por parte dos professores.

Como metodologia foi utilizada a pesquisa qualitativa na forma de estudo de caso. A coleta de dados foi realizada a partir de questionários abertos, no qual os professores descreveram como produziram e trabalharam com videoaulas durante a pandemia, enviados através dos recursos de comunicação: E-mail, WhatsApp e Facebook. Os sujeitos da pesquisa são cinco professores da Educação Infantil de redes privadas e públicas dos estados Rio Grande do Sul, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

A justificativa de relevância da pesquisa: é necessário investigar os usos das tecnologias durante o isolamento social, analisar e compreender esses usos e as suas futuras aplicações nos ambientes escolares. O foco específico desta investigação é a Educação Infantil, que trata de um público não alfabetizado e que, por isso, tem algumas limitações no acesso autônomo (mesmo que hoje em dia, algumas ferramentas sejam pensadas para serem intuitivas), ficando dependente dos responsáveis pelo acesso aos materiais e conteúdos.

Assim, estruturou-se o trabalho da seguinte forma. A primeira parte apresenta-se o referencial teórico, subdividido em: Educação Infantil, Educação Infantil em tempos de pandemia, o uso de tecnologias e videoaulas e contação de histórias em formato de vídeos. Segue a metodologia, no qual se detalha o problema de pesquisa, os objetivos, os sujeitos, e como foi realizada a coleta e análise de dados. No terceiro momento, apresenta-se os dados coletados e realiza-se uma primeira análise a partir

das categorias elencadas e segue uma análise geral. Finaliza-se com as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico tem como base uma pequena porcentagem dos estudos relacionados a temáticas centrais: educação infantil, contação de histórias e as videoaulas. Assim, esta parte tem como principal objetivo apresentar as características da educação infantil como etapa educacional formalizada, refletir sobre a educação infantil em tempos de isolamento, trazer o conceito de videoaula e a sua relação com a educação infantil na estratégia da contação de histórias.

2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL

Tal como o ensino fundamental, médio, superior e pós graduação, a educação infantil (EI) é uma etapa educacional de extrema importância para o desenvolvimento intelectual, social e psicológico do ser humano. Na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, em uma edição atualizada em 2017, no artigo 21 está incluída a Educação Infantil como primeiro nível escolar.

O Referencial Curricular Nacional de 1998, destaca que na EI existem práticas que privilegiam os cuidados físicos, o que nos faz compreender erroneamente que os alunos da E.I são carentes, frágeis, dependentes e passivos:

Em concepções mais abrangentes os cuidados são compreendidos como aqueles referentes à proteção, saúde e alimentação, incluindo as necessidades de afeto, interação, estimulação, segurança e brincadeiras que possibilitem a exploração e a descoberta. Outras práticas têm privilegiado as necessidades emocionais apresentando os mais diversos enfoques ao longo da história do atendimento infantil. A preocupação com o desenvolvimento emocional da criança resultou em propostas nas quais, principalmente nas creches, os profissionais deveriam atuar como substitutos maternos. (RCNEI,⁵1998, p. 18).

O Referencial Curricular Nacional (1998) ainda aponta para as polêmicas existentes entre cuidar e educar, refletindo sobre o papel do afeto na relação pedagógica e, se o educar deveria ser para o desenvolvimento ou para o

⁵ Atualmente é utilizado a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96)

conhecimento, como se fossem dicotômicos. É nesse panorama que se alicerçam as propostas da Educação Infantil e sobre o qual, os professores vêm se debruçando.

Nesse sentido, Silva (2021, p.12) refere que:

As escolas da infância são instituições fundamentais para a aprendizagem, socialização e desenvolvimento das crianças como cidadãos conscientes de seu papel ético e político no mundo em que estão inseridas. Vale lembrar que a Educação Infantil se constitui a partir do binômio cuidar e educar. Para além da garantia dos cuidados básicos (guarda, segurança, higiene, alimentação), a Educação Infantil é também um espaço educacional, de aprendizagem, de imersão e conhecimento do mundo.

A Base Nacional Comum Curricular⁶ de 2018, define a faixa etária da educação infantil como abrangendo da creche à pré-escola, atendendo crianças de 0 (zero) a 5 (cinco) anos. A estadia em estabelecimentos educacionais é obrigatória para crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos e antes desta idade é considerada um direito de todas as crianças. A Constituição Federal Brasileira (Capítulo III, artigo 205) determina a educação como um direito de todos e também define que o oferecimento é um dever do Estado e da família. Mas, a gratuidade e a obrigatoriedade só são descritas na lei para a faixa etária de quatro a dezessete anos de idade. Além da obrigatoriedade, existem diversos motivos para as famílias e cuidadores matricularem seus filhos na educação infantil: um dos motivos é o auxílio nos cuidados e desenvolvimento da criança enquanto trabalham, outro é na crença da qualidade dos espaços educativos e a Lei de Diretrizes e Bases salienta na SEÇÃO II – Da Educação Infantil Art. 29:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (2017, p. 22).

Um trecho do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil se comunica com o que foi exposto nos parágrafos anteriores:

A expansão da educação infantil no Brasil e no mundo tem ocorrido de forma crescente nas últimas décadas, acompanhando a intensificação da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estrutura das famílias. Por outro lado, a sociedade está mais consciente da importância das experiências na primeira infância, o que motiva demandas por uma educação institucional para crianças de zero a seis anos. (1998, p.11)

⁶ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE).

A educação infantil tem como principal propósito ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar, promovendo a socialização, a autonomia e a comunicação (BRASIL, 2018).

A escola pública tem como uma de suas funções, mesmo que não oficial, a finalidade social de atender as classes mais baixas compensando faltas e carências das crianças e famílias, porém o combate a ideia de assistencialismo é uma das partes que o RCNEI aborda:

Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas. (1998, p. 17).

ROCHA (1997, 2001, 2018) fala sobre uma Pedagogia da Infância baseada em proporcionar experiências, respeitando as características de cada faixa etária e desenha a educação infantil como um órgão que tem como objeto fundamental as relações educativas no espaço de convívio coletivo, e aqui também conversa com a visão dos Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (2006) com foco nas habilidades dos profissionais da educação infantil, que devem subsidiar as atividades desenvolvidas em espaços coletivos que envolvem organização de tempo, materiais e agrupamento.

A Base Nacional Comum Curricular (2018) nos norteia explicitando nos Campos de Experiência a importância das experiências sociais na coletividade, de criar oportunidades para as crianças entrarem em contato com outros grupos sociais e culturas, experiências diversificadas incluindo o audiovisual, manipulação de diversos recursos tecnológicos e reconhecer usos da escrita em diversos suportes. Conectando estas informações com o período pandêmico onde está contextualizada esta pesquisa: que tipo de relações, disponibilidades de tempo, materiais e conexões foram possíveis de vivenciar durante este momento para o público da E.I?

Nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento do mesmo documento (BRASIL, 2018) revela-se que os educadores devem estimular o conhecimento e a manipulação de materiais audiovisuais em diferentes portadores e outras habilidades que necessitam de interpretação pessoal para incluir as ferramentas digitais.

Segundo o Referencial Curricular Nacional (1998) a noção de criança/infância vem sendo construída e modificada historicamente dependendo da sociedade e épocas e, focando no Brasil afirma:

Assim é possível que, por exemplo, em uma mesma cidade existam diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas dependendo da classe social a qual pertencem, do grupo étnico do qual fazem parte. Boa parte das crianças pequenas brasileiras enfrentam um cotidiano bastante adverso que as conduz desde muito cedo a precárias condições de vida e ao trabalho infantil, ao abuso e exploração por parte de adultos. Outras crianças são protegidas de todas as maneiras, recebendo de suas famílias e da sociedade em geral todos os cuidados necessários ao seu desenvolvimento (1998, p.21).

Importante frisar, assim como aponta o Referencial, que essa dualidade presente na sociedade espelha as contradições e conflitos de uma sociedade que convive com enormes desigualdades sociais. Esse ponto, também é destacado por Boaventura de Souza Santos, no seu livro 'A cruel pedagogia do vírus' (2022) ao referir-se do quanto a pandemia levou para a vitrine as desigualdades que são constituintes da sociedade, escancarando as diferenças sociais.

Este capítulo finaliza ressaltando que existem muitos estudos, pesquisas e teorias sobre aprendizagem e a educação infantil é um dos espaços no qual podemos explorar e pensar esses assuntos. Além do foco no público da educação infantil (crianças pequenas), as pesquisas também precisam considerar os profissionais que nela atuam, cujo trabalho complementa o da família na formação do ser social que a criança se tornará. Por muito tempo, a Educação Infantil era uma ação doméstica ou de grupos culturais, mas atualmente se tornou um nível educacional importantíssimo para criar base para os outros e para as demais etapas da vida. ROCHA (2001) nos ajuda sintetizando o que foi exposto nos parágrafos anteriores.

[...] Isto não significa que o conhecimento e a aprendizagem não pertençam ao universo da educação infantil. Todavia, a dimensão que os conhecimentos assumem na educação das crianças pequenas coloca-se numa relação extremamente vinculada aos processos gerais de constituição da criança: a expressão, o afeto, a sexualidade, a socialização, o brincar, a linguagem, o movimento, a fantasia, o imaginário, ou seja... as suas cem linguagens (p.31).

Assim, compreendemos a importância da Educação Infantil no desenvolvimento integral das crianças e a necessidade de reflexões permanentes sobre esse assunto, ainda mais, depois de vivenciarmos um período pandêmico dos quais ainda não sabemos o alcance das consequências, o que é o tema do nosso próximo capítulo.

2.2 EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Uma pandemia é causada por uma doença infecciosa que se espalha rapidamente por várias regiões do mundo, afetando uma grande parte da população. A mesma pode ser causada por diferentes tipos de vírus, como foi o caso da pandemia da COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2. Quando um vírus se espalha rapidamente sem que exista imunidade prévia da população isso pode levar a um grande número de pessoas infectadas (Organização Pan-Americana da Saúde, s.d).

Para controlar uma pandemia, são necessárias medidas de saúde pública, como o distanciamento social, o uso de máscaras, a lavagem frequente das mãos e a vacinação em massa. É importante que os governos, as organizações de saúde e a população em geral trabalhem juntos para minimizar a propagação da doença e garantir a segurança e o bem-estar de todos.

A tentativa de controle da doença envolveu o enfrentamento da emergência de saúde pública, com campanhas de conscientização dos riscos e medidas de prevenção. A mídia, nesse caso, optou por utilizar o slogan “fique em casa”, mostrando as experiências vividas por artistas, moradores de apartamentos, condomínios com piscinas e salão de festas fechados, crianças, adolescentes e adultos em atividades de estudo, trabalho e lazer home office. (BARBOSA; SOARES, 2021, p.39).

Referem ainda os autores, que essas eram as informações e as diretrizes que o Ministério da Saúde estabeleceu para a população, visando minimizar os impactos da pandemia (BARBOSA; SOARES, 2021).

A pandemia da COVID-19 teve um grande impacto na vida das pessoas e, especificamente, das crianças em todo o mundo. Algumas das maneiras pelas quais as crianças foram afetadas incluem a paralisação das atividades educacionais presenciais, o que dificultou o acompanhamento das crianças sem acesso a equipamentos eletrônicos e internet, além dos aspectos psicológicos, como questões de ansiedade, estresse e depressão causadas pelo isolamento social (UNICEF, 2021).

Boaventura Santos, em “A Cruel Pedagogia do Vírus, expõe:

Por um lado, ao contrário do que é veiculado pelos meios e pelas organizações internacionais, a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam (2020, p. 21).

Além das dificuldades dos recursos materiais, os professores tiveram que se confrontar com a necessidade de criar novas práticas pedagógicas. Exemplifica-se, a

partir de Silva (2021), que descreve como foram as suas primeiras experimentações como professor em período de distanciamento social. O autor relata a dificuldade para transportar as práticas pedagógicas para o contexto de educação remota e manter o vínculo entre escola família/criança.

As rodas de conversa, as novidades, as descobertas, as curiosidades, as pesquisas, a escuta ativa e atenta seriam muito difíceis de serem realizadas. O conceito de coletividade e de compartilhamento de tempos, espaços, conhecimentos, materiais era quase impossível de ser mantido. Os eixos estruturantes das práticas pedagógicas determinados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, BRASIL, 2010) – as brincadeiras e as interações – deveriam ser transportados para o contexto remoto (SILVA, 2021. s/p).

O autor traz uma importante consideração sobre o como podemos promover brincadeiras e interações entre as crianças e, responde que as possibilidades passam, necessariamente, pela mediação de um elemento, um terceiro - nessa relação, que ele refere serem as famílias de cada criança (SILVA, 2021).

As escolas, a partir do fechamento, procuraram substituir as aulas presenciais pelas remotas. Dessa maneira, a inserção das tecnologias passou a fazer parte do cotidiano de todas as famílias. Deckert (2010) conversa com esta visão afirmando que a linguagem audiovisual é muito forte para a nova geração e que é natural a alfabetização visual com o acesso a mídias faladas.

Tanto os professores, como os alunos e, no caso da E.I., também os pais, tiveram que aprender a utilizar as tecnologias para as aprendizagens. Assim, os professores e a escola de uma forma geral, tiveram que auxiliar a toda família para a continuidade da E.I. com o objetivo de manterem o vínculo das crianças com a escola. As diferenças entre as famílias, no que tange aos recursos como computadores, internets, disponibilidade para acompanhamento, manejo com as tecnologias, etc. foi um grande empecilho na educação como um todo e na E.I. especificamente. Esse quadro, requereu por parte das escolas, um cuidado, diálogo e orientações, para que fosse possível criar uma forma de ensinar e aprender.

Levando-se em conta as particularidades das crianças, é importante que o ensino remoto, como ministrado em escolas públicas e particulares, trace diretrizes que respeitem a integridade e os direitos de sua clientela, da qual a infância faz parte. Nesse sentido, observamos que nem todas as atividades desenvolvidas no modelo presencial de ensino são passíveis de serem aplicadas no sistema remoto, devendo ser consideradas novas estratégias e formas de planejamento e, acima de tudo, a instituição de práticas pedagógicas que levem em consideração a criança, o seu meio social e material (BEZERRA, 2021, p. 11)

Há um item específico que aborda a Educação Infantil no período da pandemia que Gabriel Junqueira Filho (2021, s/p) expõe no Jornal da Universidade UFRGS:⁷

A escola, por sua vez, foi desafiada a traduzir o seu projeto político-pedagógico à distância, para se fazer presente no isolamento das casas e rotinas das crianças e suas famílias. Mais do que nunca, precisou da ajuda e da participação dos pais ou responsáveis pelas crianças. Teve como resposta acolhimento, disponibilidade e cooperação por um lado; constrangimento, críticas e demandas surpreendentes por outro; [...]

A manutenção do atendimento a distância para a etapa da educação infantil foi uma maneira de superar o descrédito que uma parcela da sociedade tem em relação a importância desta etapa de ensino. Por ser uma etapa que não cumpre exatamente conteúdo pré-determinados, focando nas experiências das crianças, a aprendizagem por meio de brincadeiras e interações, exploração da oralidade e das múltiplas linguagens acrescentando que acima de tudo os vídeos da escola não eram com finalidade de entretenimento e sim de contato com a proposta escolar (OLIVEIRA; LOBO, 2021).

Esse ponto é acentuado a partir de Deckert (2010, p. 31):

Quando se fala em vídeo para educação, estamos nos referindo não apenas ao registro documental de fatos, mas à exposição de materiais organizados propositalmente para a função de ensinar e aprender, utilizando-se na sua criação conhecimentos pedagógicos sobre ensino e aprendizagem.

PLAZA e SANTOS (2015) acrescenta sobre avaliação na Educação Infantil:

Os professores da educação infantil têm a sua disposição instrumentos naturais e espontâneos para realizarem a avaliação, uma vez que eles podem analisar as observações obtidas a partir do cotidiano das crianças, das brincadeiras que foram propostas pelos docentes ou até mesmo criadas a partir das crianças, dos desenhos produzidos pelas crianças, dos diálogos gerados, por exemplo, a partir das rodas de conversas, entre tantas outras possibilidades existentes (p. 8/9)

A partir desse quadro da Educação Infantil no período da pandemia, diversas possibilidades foram pensadas e testadas, sendo uma delas, o uso de videoaulas, que será aprofundado no próximo tópico.

2.3 O USO DE TECNOLOGIAS e VIDEOAULAS

Destaca-se que as crianças da nova geração estão acostumadas a ter acesso às mídias através de plataformas de vídeos como Youtube e TikTok, ficando horas e

⁷ [Educação infantil e pandemia - Jornal da Universidade](#)

horas na frente das telas, podemos assim, visualizar a força de atração do audiovisual. Dessa maneira, reflete-se que os vídeos inseridos em contexto educacional também precisam alcançar esse poder.

O objetivo que o professor precisa alcançar através do uso do vídeo educativo tem que ser sempre o objetivo de: complementar, atrair, focar, transmitir aprendizagens, acrescentar e vivenciar, momentos esses de vídeo que servirão para toda vida de enquanto criança e até mesmo na vida adulta e enfim, que esses vídeos nunca sejam em vão, que sempre possam ser transmitidos com significado e precisão (QUIXABEIRA, 2020, p. 24).

Prensky (2001) utiliza os termos “nativos digitais” e “imigrantes digitais” para nomear as gerações que nasceram imersas na tecnologia e as que tiveram que aprender a lidar com ela. Assim, estamos falando de nativos digitais e considera-se que o uso das TDICs deve ser apresentado como um diferencial das aulas tradicionais, afinal em suas casas as crianças já têm acesso a vídeos. Então, qual é o diferencial da escola ao trazer esta ferramenta? Essa questão iremos discutir no próximo tópico.

Como foi apresentado anteriormente, o tema surgiu em um contexto onde socialmente os profissionais da educação foram obrigados a criar estratégias de trabalho no ensino remoto emergencial (ERE) e isso inclui explorar ferramentas que não são usualmente utilizadas e também, outros modos de trabalhar com as tecnologias para a manutenção dos vínculos escolares e das aprendizagens.

De acordo com Candeias e Carvalho (2016), os jovens em idade escolar têm grande acesso à rede de internet. Portanto, é importante acompanhar este movimento, atentando para o uso das multimídias e o acesso às inúmeras informações não garantem que o que for encontrado seja de qualidade, mas sabendo que o ambiente multimídico é atraente por ser multissensorial.

No Youtube (uma das principais plataformas de compartilhamento de vídeos) podemos encontrar uma gama de produções que vão muito além de clipes musicais, existem canais⁸ que apresentam diversas aulas de várias áreas do conhecimento, possibilitando até uma aprendizagem autodidata. Os formatos podem variar: pode ser um vídeo de alguém falando na câmera, apresentação de fotografias e textos sobre o assunto, alguma mistura destes ou até uma narração.

⁸ Nomenclatura utilizada para identificar cada vínculo dos usuários (produtores de conteúdo ou visualizadores), normalmente com uma conta Google, mas no caso de visualizadores não é necessário.

Segundo Tomaz (2021)⁹ o YouTube é uma janela para as crianças verem o mundo, mas é também uma janela pro mundo olhar as crianças. Ainda citando Tomaz (2017)¹⁰, ela expõe que temos a perspectiva de que nossas crianças estão se isolando na internet, mas, a internet também é uma ferramenta de expansão comunicativa, onde ela recebe e transmite diversas informações. O YouTube, além de ser uma janela para o mundo, é um dispositivo que permite às crianças verem para além das paredes da sua casa, para além da formação da sua própria família (TOMAZ, 2017).

Assim, trazemos Moran, para pensarmos sobre alguns cuidados que são necessários a essa imersão tecnológica. O autor define o professor como um curador de conteúdos e comunicador e afirma que as videoaulas são uma ferramenta de comunicação virtual, que pode ser acessada em momentos diversos, diferentemente da estratégia da comunicação física, ou seja, frente a frente (MORAN, 2014).

A internet e o fácil acesso a ela, permitem que as pessoas encontrem múltiplos conteúdos. Utilizando o pensamento de Dallacosta et al (2004) esta facilidade de localização e procura de conteúdos na Internet é uma característica importante se aplicada a vídeos de intenções educacionais e, destaca que os vídeos disponíveis na Web, aumentam o número de pessoas que podem acessar o mesmo conteúdo.

Candeias e Carvalho (2016), pontua que utilizar videoaulas não tira a importância das aulas presenciais e menos ainda a importância do professor, pois esse prossegue pensando e produzindo conteúdos relacionados a diversas disciplinas, aos planos curriculares, ao nível dos alunos, primando pela qualidade do material produzido, assim como responsável pelas aulas ministradas de forma presencial. Além disso, o professor precisa ter cuidado com o uso da internet, como por exemplo, no Youtube, um link leva a outro, o aluno pode ser levado a acessar outras informações relacionadas ao mesmo assunto precisando, às vezes, de mediação.

Segundo Lopes (2021) as videoaulas baseiam-se em vídeos (que, em latim, significa “eu vejo”) tratando-se de uma tecnologia de processamento de sinais eletrônicos, analógicos ou digitais, para capturar, armazenar e transmitir ou apresentar imagens com movimento, criando uma espécie de roteirização lúdica¹¹. De forma

⁹ LISAUSKAS, Rita. **'O YouTube é importante para as crianças'**. Estadão, 2021. Disponível em:

¹⁰ ANTUNES, Amanda. A sociabilidade automatizada das crianças brasileiras nas redes sociais. Desidades, 2017. Disponível em: A sociabilidade automatizada das crianças brasileiras nas redes sociais | DESidades

¹¹ Roteirização termo de José Moran (2010)

similar, Borges e Corbellini (2020) afirmam que as mídias estão integradas na vida das crianças de diversas formas, tais como fotos, vídeos, músicas etc. e o acesso e uso já é uma realidade. As autoras lembram que, precisamos pensar na qualidade e no tempo de uso do que consomem.

Durante o período de distanciamento social forçado, os alunos e professores foram obrigados a refletir e selecionar formas de continuar o trabalho e o acompanhamento escolar operando à distância, e as videoaulas foram um dos recursos utilizados. Essas são um recurso predominantemente visual, já conhecidas por serem parecidas com a televisão e com as mídias como Tik Tok e Youtube. Com isso é importante que a escola se integre a esta realidade, incorporando as linguagens digitais e aproveitando o potencial de comunicação da tecnologia. Assim, compete apresentar que:

É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais. [...] Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes (BNCC, 2018, p. 61).

Esse mesmo documento aponta para a importância de que a escola compreenda e incorpore essas novas linguagens, bem como os seus modos de funcionamento, investigando as possibilidades tanto de comunicação, como de manipulação. Afirma que um dos princípios é de que a escola precisa educar para usos mais democráticos dos recursos tecnológicos e para construção de uma participação mais consciente na cultura digital. O que via ao encontro do alerta de Moran (2004, s/p):

Infelizmente todos esses avanços tecnológicos continuarão privilegiando uma parte da população brasileira. A maior parte das escolas continuará repetindo fórmulas pedagógicas ultrapassadas, tendo acesso a poucos recursos tecnológicos, com professores mal remunerados e resultados comprometedores para o futuro profissional desses alunos (MORAN, 2004, s/p).

LOUREIRO E MARCHI (2019), fazem uma reflexão no artigo “Crianças e Mídias Digitais: um diálogo com pesquisadores” sobre a exposição das crianças às mídias digitais, as tecnologias são comandadas por indivíduos e questiona, o que nós adultos estamos oferecendo às nossas crianças?

Nesse contexto que se apresenta na pesquisa, de cultura digital e de pandemia, utilizo as palavras de Klein (2012, p. 10) para reforçar a importância da ferramenta vídeo no contexto de distanciamento social: "O vídeo destaca-se como uma importante ferramenta que parte do concreto, do visível, do imediato, do próximo, mostrando-se como um rico apoio pedagógico dentro do processo de ensino-aprendizagem". Já Gomes (2008), retrata a importância de se ofertar um material audiovisual no mercado para fins didáticos conectado com o público-alvo e com as características dos alunos e seus conhecimentos prévios para acompanhar o conteúdo, o que nos permite refletir com o autor sobre a inserção das videoaulas na Educação Infantil em tempos de pandemia Covid-19.

Os autores Pazzini e Araújo referem que:

O vídeo é um recurso tecnológico que permite experimentar sensações, do mundo e de nós mesmos, por isso sua necessidade de utilização em espaços escolares, [...] para diversificar as atividades, exigindo dos educadores um preparo inicial, como visualizar a qualidade do material, sua duração, som, imagem, cor e aspectos pedagógicos (cenas, linguagem, assunto etc.), pois formas inadequadas de uso podem comprometer o trabalho do professor (PAZZINI, ARAÚJO, 2013, p. 5-6).

Assim, aponta-se que o acesso a vídeos, televisão entre outras multimídias é algo corriqueiro na rotina das crianças fora do ambiente escolar. O que se torna necessário, neste contexto, é a capacitação dos profissionais para produzir e utilizar esta ferramenta, pois já existe uma disposição natural de uso para os alunos.

Podemos considerar que a videoaula é um veículo de comunicação no qual a informação, os conhecimentos e a experiência são ofertados aos pequenos de forma mediada se relacionando com a realidade e o sistema social em que vivem. Em busca de um modelo que atenda os paradigmas que compreendem a função social do ato de educar, a produção de roteiros é planejada de forma que integre as Unidades Escolares, e famílias através da interação ativa (OLIVEIRA, LOBO, 2021, p. 6).

Nesta pesquisa estamos falando sobre vídeos de cunho didático pedagógico, mas os vídeos de entretenimento também trazem mensagens que educam ou interferem na mentalidade das crianças mesmo que indiretamente.

Costa e Santos (s.d) falam bastante sobre a popularidade da imagem audiovisual e relatam sobre uma "era da telemática" na qual se unem telecomunicações e informática fortalecendo o sistema educacional na nossa sociedade conectada.

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. E assim o vídeo seduz, entretém, informa, projetam em outras realidades, outros espaços e tempos. O que os olhos veem, os ouvidos ouvem, o cérebro

registra. Enfim, deixamo-nos levar pelas diversas sensações produzidas por este recurso audiovisual (COSTA E SANTOS, s.d, p.11).

O feedback dos alunos é importante para o professor que no momento de distanciamento social não conseguiu utilizar estratégias que usava anteriormente, tal como a observação dos alunos. O retorno também serviu para avaliar e pensar sobre o que foi feito e planejar os próximos vídeos e propostas pedagógicas.

Quixabeira (2020, p. 15-16) traz um importante relato sobre esse tempo vivido e suas implicações para as práticas docentes.

O trabalho do professor na produção de vídeos foi intenso e exigiu desenvolvimento e atualização de habilidades, o feedback dos alunos referente ao seu trabalho foi uma das ferramentas de avaliação e autoavaliação. Nesse processo de ensino e aprendizagem, o professor tem que ser o incentivador da interação ativa, possibilitando aos alunos um incentivo para com isso eles se expressarem e socializarem entre si aprendizagens adquiridas através dos vídeos educativos, através de formas lúdicas e entre outras formas expressadas

Seguem Quixabeira (2020), afirmando a importância de tudo que é ensinado, pois afirma que nada é em vão. Refere que mesmo que o aluno se expresse de maneira diferente daquilo que estava no vídeo, foi o que conseguiu aprender nesse momento.

Assim, conseguimos refletir sobre a importância do uso das tecnologias, principalmente as videoaulas que foram muito utilizadas, como ferramentas para a manutenção dos vínculos com as crianças e as famílias, além dos aspectos pedagógicos envolvidos.

No próximo parágrafo será abordado o tema “contações de histórias em formato de vídeos”, tema este que serviu de recorte para melhor análise dos materiais, uma vez que, os professores participantes da pesquisa produziram uma grande variedade de aulas contando histórias que possibilitaram um afunilamento no material de análise.

2.4 CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS EM FORMATO DE VÍDEOS

O isolamento social forçado apesar de ter sido uma experiência traumática para diversas pessoas, também por parte dos educadores foi uma oportunidade de explorar novas formas de expressão criativa. Contar histórias se tornou uma maneira de compartilhar pensamentos, sentimentos e experiências, mesmo durante o período onde todos estávamos fisicamente distantes. Contar histórias conecta as pessoas e

quem se aventurou a produzir as mesmas em formato de vídeo não teve medo de ser vulnerável e autêntico.

Importante contribuição de Abramovich (2005, p. 17) ao referir-se a importância da contação de história:

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, a alegria e o pavor, a insegurança e a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez brotar...pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

Crianças pequenas precisam de uma abordagem diferenciada pois naturalmente conseguem ficar menos tempo concentradas em uma mesma atividade, precisando de muitos estímulos. Com isso cabe ao professor achar técnicas e estratégias de narração para manter a atenção, utilizando a técnica de contar ao invés de ler histórias por exemplo. (ARAPIRACA et al. 2012, p. 2).

Contar histórias é uma das maneiras mais poderosas de se comunicar e conectar-se com o público. No mundo dos vídeos, a capacidade de contar histórias pode ser ainda mais impactante, já que os vídeos permitem uma ampla variedade de recursos visuais e sonoros que podem ajudar a transmitir emoções e aprofundar a narrativa. Essa ideia é corroborada por Machado (2004, p. 45) que diz: “A atividade de contar histórias constitui-se numa experiência de relacionamento humano que tem uma qualidade única, insubstituível.”

E, de acordo com Abramovich (2005, p. 162), “[...] ouvir histórias é uma possibilidade que a criança encontra para descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses e as soluções que todos os seres humanos vivem e atravessam ao longo da vida”, através do prazer da leitura ou de ouvir histórias que se pode abrir para outros tempos, outras formas de pensar e de agir.

Pela experiência televisiva, percebemos que os aspectos visuais, verbais e estéticos permitem ao espectador experimentar um conjunto de significados visuais e simbólicos que emergem de suas tramas. A contemporaneidade parece ser a época dos encontros, da palavra oral e da palavra midiaticizada, do resgate de tradições e da reprodutibilidade das mesmas através das novas tecnologias. É neste cenário que a Educação a Distância coloca-se como uma nova experiência pedagógica e, dentro desta experiência, a contação de histórias e a formação de contadores de histórias insere-se também de forma inédita (ARAPIRACA et al. 2012, p. 3).

Esse ponto vai ao encontro do principal propósito da E.I. que é o de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades, diversificando e consolidando

novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar, promovendo a socialização, a autonomia e a comunicação (BRASIL, 2018).

Cumprir lembrar que, para a BNCC (2017, p. 38), a leitura de textos literários tem um papel essencial na aprendizagem e desenvolvimento da criança. Destaca que:

Ouvir a leitura de textos pelo professor é uma das possibilidades mais ricas de desenvolvimento da oralidade, pelo incentivo à escuta atenta, pela formação de perguntas e respostas, de questionamentos e pelo convívio com novas palavras.

Da mesma forma, as experiências diversificadas, incluindo o audiovisual e a manipulação de diversos recursos tecnológicos permitem reconhecer usos da escrita em diversos suportes. E, no período pandêmico, foi fundamental refletir-se sobre o tipo de relações, a disponibilidade de tempo, os materiais e as conexões que foram possíveis de vivenciar com o público da E.I., com foco aqui nas videoaulas, como um dos recursos para a contação de histórias. Importante destacar, que essa criação de um vídeo não é realizada sem um planejamento, pois:

Para se produzir um vídeo, em geral, executam-se várias etapas, primeiramente trabalhar com a concepção e planejamento do material, com definição de conteúdo e abordagem sobre o tema, bem como uma boa roteirização, ou seja, uma definição da linguagem e dos diferentes recursos a serem utilizados. Depois de superadas estas etapas uma boa produção que é o momento em que se buscam e elaboram os recursos necessários, definidos no roteiro. Logo após vem a direção e gravação que é a condução das cenas, definindo os melhores ângulos e formas de gravá-las, para que a mensagem fique clara (COSTA, SANTOS, s.d., p.12-13).

Observa-se que é necessário um cuidado na elaboração dos materiais, no caso os vídeos, para que esses possam ser utilizados de maneira a contribuir com as propostas pedagógicas.

Os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento incentivam os educadores a estimular o conhecimento e a manipulação de materiais audiovisuais em diferentes portadores e outras habilidades que necessitam de interpretação pessoal para incluir as ferramentas digitais (BRASIL, 2018). Assim, a inclusão da contação das histórias no formato de videoaulas, mostra-se como uma ferramenta que pode ser um importante aliado na Educação Infantil.

Assim como no presencial, o exercício de contar história virtual exige disponibilidade corporal e sensibilização para as artes dramáticas por parte do educador. No vídeo, pequenos detalhes contam para chamar a atenção do telespectador, além de outras questões referentes ao compartilhamento de conteúdo:

Todo esse processo de construção prevê um cuidado gentil com todas as

partes que compõem o roteiro em busca de propiciar uma experiência completa que esteja carregada de sentidos. Percebemos, nesse processo de relação entre os pontos que se encontram numa performance audiovisual, uma concordância com a abordagem encontrada no trabalho que se aporta nos campos de experiências, considera a importância das práticas já existentes nas Unidades e propõe um reconhecimento de tudo que está disposto a favorecer os nossos fazeres. (OLIVEIRA; LOBO, 2021, p.7).

Continuam os autores Oliveira e Lobo (2021), referindo que a partir dessas combinações criativas, que permitem a união de cada uma das linguagens e as suas singularidades, que há a possibilidade de enriquecimento das propostas, apresentando outras percepções sobre a realidade, mas sem que a imaginação deixe de ter o seu lugar de importância.

Clarissa Estés (2018), psicanalista e escritora norte-americana em seu livro "Mulheres que correm com os lobos" entende o ato de ouvir e contar histórias "como uma forma de interligar seres humanos através do tempo e espaço" (p.33). Contar ou ouvir histórias deriva a sua energia de uma altíssima coluna de seres humanos e, a hora de contar histórias é determinada pelas sensibilidades internas e pela necessidade externa. E, continua a autora: "[...] as histórias conferem movimento à nossa vida interior, e isso tem importância especial nos casos em que a vida interior está assustada, presa ou encurralada" (ESTÉS, 2018, p. 34). Esta ideia está de acordo com o momento que vivemos durante a pandemia, na qual estávamos assustados e presos, pelo menos, fisicamente.

O foco das videoaulas escolhidas para análise neste trabalho foram as com contações de história. Moran (1991, p.146) explicita que "educar é procurar chegar ao aluno por caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia". Moran (1995) salienta a necessidade de pensarmos em relações entre o uso das tecnologias, especificamente do vídeo, e outras dinâmicas pedagógicas conectando-se ao ensino híbrido. Destaca o autor, que o uso dos vídeos deve começar pelos mais simples indo aos mais complexos, utilizados como sensibilização, ilustração, simulação, conteúdo de ensino, intervenção, expressão, avaliação e, chegando a interagir com outras mídias.

E, Silva (2021, p. 212-213) também destaca que: "[...] a leitura de histórias por meio de vídeos auxilia no desenvolvimento do senso de comunidade a partir das predileções das escolhas de textos compartilhados." Dessa forma, compreende-se o uso desse recurso, como um dos que podem ser explorados na educação, e

especificamente na educação infantil, com grandes possibilidades para as práticas pedagógicas.

Assim, finalizamos o referencial teórico apresentando a seguir metodologia de pesquisa.

3. METODOLOGIA

Neste trabalho utiliza-se a pesquisa qualitativa na forma de estudo de caso. Os estudos qualitativos têm como características compreender fenômenos em contextos específicos, analisados em uma perspectiva integrada (GODOY, 1995). No caso desta pesquisa, o fenômeno abordado é a construção de videoaulas como ferramenta para contação de história na Educação Infantil. Esta criação acontece aqui em contexto de isolamento social forçado pela pandemia e a perspectiva integrada que está sendo analisada são as aprendizagens docentes e discentes derivadas do uso das videoaulas durante a pandemia.

Sobre o estudo de caso, a mesma autora traz a seguinte afirmação que conversa com o problema de pesquisa apresentado neste trabalho.

O estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões "como" e "por quê" certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real. (GODOY, 1995, p. 25)

O problema de pesquisa se apresenta com a pergunta: Como as vídeo aulas contribuíram para os processos de ensino e aprendizagem da EI no ERE?¹²

Os sujeitos da pesquisa foram cinco professores da E.I. de diferentes estados brasileiros e com atuação em redes privadas e públicas.

O objetivo geral é investigar como as videoaulas contribuíram para os processos de ensino e aprendizagem da Educação Infantil no Ensino Remoto Emergencial no contexto da pandemia Covid-19. Como objetivos específicos, procurou-se analisar a importância do uso das tecnologias no contexto de isolamento social; investigar a importância da contação de histórias e avaliar o uso de vídeos por parte dos professores.

O exercício de contar e ouvir histórias transformou-se em um recorte para a

¹² Ensino Remoto Emergencial

pesquisa ao notar que todos os participantes utilizaram desta estratégia pedagógica para suas videoaulas.

Para a coleta dos dados foi elaborado um questionário com questões abertas que foram encaminhadas aos participantes através de WhatsApp e e-mail. As perguntas abertas do questionário possibilitaram a obtenção de respostas que permitiram aprofundamento das respostas, visto que os sujeitos precisavam refletir e escrever as suas práticas.

As perguntas abertas são aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente (CHAER et al., 2011, p. 262).

A escolha do questionário ocorreu por ser um instrumento que pode ser respondido de forma assíncrona, o que viabilizou a participação em tempos de pandemia. O questionário consistia em questões relacionadas à prática e a produção de vídeos durante a fase mais crítica da pandemia, de total distanciamento social aderido pelas escolas. A coleta foi realizada a partir de dezembro de 2021, quando os professores participantes estavam concluindo sua prática docente em seus ambientes de trabalho e concluídas aproximadamente em abril de 2022, já em um contexto de menor taxa de atividades à distância.

Três professores foram selecionados através do Facebook, em grupos de professores, onde a pesquisadora solicitou ajuda de profissionais que produziram videoaulas durante a pandemia para construir o trabalho de conclusão. Os dois professores restantes do grupo de cinco foram selecionados com ajuda de uma ex-colega de trabalho e a convite pessoal da pesquisadora.

Para análise dos dados utilizou-se a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin onde - em uma interpretação pessoal - fazemos uma análise dos significados e significantes e foi organizado em categorias (BARDIN, 1977). A análise foi realizada seguindo estas etapas:

- **Pré-análise:** uma leitura flutuante nas respostas dos questionários, sendo um dos conceitos de Bardin que se refere ao primeiro contato com os dados.
- **Exploração do material:** as respostas dos questionários foram categorizadas segundo as aproximações que também serviram para construir o referencial teórico.
- **Tratamento dos resultados obtidos:** exposição das informações coletadas e organizadas em categorias.

- **Interpretação e considerações finais:** nesta parte ocorre a interpretação e conexão dos dados com o referencial teórico, juntamente com as considerações pessoais da pesquisadora.

A partir dessa análise e dos dados que foram coletados através dos questionários elaborou-se três categorias de conteúdo que serão apresentadas e discutidas a seguir: **(1)** Experiências prévias a pandemia com tecnologias; **(2)** Experiências durante a pandemia: Subcategoria **(2.1)** Aprendizagens docentes pedagógicas e tecnológicas **(2.2)** Subcategoria Feedbacks e **(3)** Perspectivas de uso das tecnologias após pandemia.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo são apresentados os dados coletados e as análises realizadas, considerando o referencial teórico estudado. Assim, primeiramente, foi elaborada uma tabela com os perfis dos sujeitos, os cinco professores que se dispuseram a relatar a sua experiência docente durante a pandemia. Esses profissionais foram identificados como P1, P2, P3, e P4 e P5 para preservação das identidades, com os seguintes dados: gênero, idade, formação, tempo de docência, localidade, rede que atua, tecnologias utilizadas durante a pandemia e os objetivos para as quais foram usadas.

Sujeito	Gênero	Idade	Formação	Tempo docência	Localidade	Rede	TICS	Objetivos
P1	M	48	Direito, Pedagogia. Mestre e Doutor em Educação	Não especificou	Porto Alegre/RS	Federal e Municipal	<ul style="list-style-type: none"> • WhatsApp • Canal no Youtube • Programas de Edição de vídeo 	<ul style="list-style-type: none"> • Manutenção de laços com a turma • Criação de Videoaulas • Melhoria da qualidade dos vídeos
P2	F	27	Pedagogia	10 anos	Porto Alegre/RS	Privada	<ul style="list-style-type: none"> • Canal no Youtube • WhatsApp • Programas de Edição de Vídeo 	<ul style="list-style-type: none"> • Videoaulas; Criação de materiais que podiam ser visualizados muitas vezes • Trabalhar com questões pertinentes ao momento • Melhoria da qualidade dos vídeos
P3	F	40	Pedagogia	12 anos	Duque de Caxias/ RJ	Pública e privada	<ul style="list-style-type: none"> • Instagram, Facebook • Google Classroom • PowerPoint 	<ul style="list-style-type: none"> • Videoaula, repositório dos vídeos criados • Envio e entrega de atividades • Criação de slides para vídeos
P4	F	39	Pedagogia, Cientista Educacional, Neuroeducadora com especialização em Educação Infantil	18 anos	Timbaúba / PE	Pública	<ul style="list-style-type: none"> • Instagram • Canal no Youtube 	<ul style="list-style-type: none"> • Produzir vídeos para desenvolver projetos (alunos e professor) • Criação de videoaulas
P5	F	40	Pedagogia, História, Pós em Cultura Africana e Educação Étnico Raciais	12 anos	São Paulo/ SP	Pública e Privada	<ul style="list-style-type: none"> • Canal no Youtube • Programas de edição de vídeos • Whatsapp, Facebook 	<ul style="list-style-type: none"> • Criação e divulgação de videoaulas • Melhora na qualidade dos vídeos • Receber os feedbacks das famílias e crianças

Aqui, começa-se a análise a partir das três categorias elencadas e as subcategorias.

A Categoria 1 - Experiências prévias com as tecnologias aborda as experiências anteriores à pandemia com o uso das tecnologias, assim, procurou-se saber o que os participantes utilizavam como recursos em suas aulas, antes da implantação do ERE. Dessa forma, observou-se que no grupo de professores quase todos relataram que se sentiam confortáveis em trabalhar com tecnologias, anteriormente a pandemia. Diversas respostas confirmam que, de alguma maneira, estamos conectados com a tecnologia e que é necessário levar a mesma para o contexto escolar. Para introduzir a tecnologia na sala de aula ou fora dela, é necessário saber usá-la para assim pensar no fazer pedagógico.

A P3 ilustra essa rotina anterior a pandemia, dizendo: “Já fazia uso da tecnologia para fazer planejamentos, relatórios e projetos.” Já, P1 refere que: “Antes da pandemia, minha experiência com tecnologia na educação era apenas na criação de materiais (ppt, apostilas, resumos, provas). Havia sido convidado para a criação de materiais para um curso EAD, porém a proposta não me interessou.”

Destaca-se a fala de P4, que procura se manter atualizada para acompanhar os alunos. Ela diz: “Não tenho 100% de experiência tecnológica hshs. Mas desenrolo tudo para que minha prática não esteja presa nos ‘tempos das cavernas’.” É importante que o professor esteja aliado à contemporaneidade, pois conforme afirma Candeias e Carvalho (2016), os jovens em idade escolar têm grande acesso a redes e a internet, sendo assim, necessário um acompanhamento deste movimento, primando pela qualidade de seu uso.

De forma similar, P2 também refere estar imbuída deste espírito de acompanhar os alunos, pois refere que: “Realizei um curso de informática básico quando cursava magistério. O que foi essencial para os dias de hoje, pois, durante a pandemia foi o nosso meio de comunicação com nossos alunos.” Assim, diz que a inserção das TIC's¹³ na educação já era um fato, mas que foi incrementada a partir do ERE.

E, P5 diz: “Fui professora de Informática Educativa e fiz alguns cursos de especialização na área. A segunda graduação e os cursos de especialização e pós-graduação foram feitos todos na plataforma online. Sempre encontrei muita facilidade

¹³ Tecnologias da Informação e Comunicação

e organização pessoal nesses moldes”. Então, como já possuía uma formação ampla na área, utilizava, sem dificuldades, as tecnologias em sala de aula.

Na Categoria 2 - Experiências durante a pandemia mostramos as experiências e buscas que os professores fizeram durante o período pandêmico de forma a conseguir manter o processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, desmembrou-se essa categoria em duas subcategorias, que são: *Subcategoria 2.1 – Aprendizagens docentes*: aqui englobam-se as aprendizagens em relação às práticas pedagógicas e tecnológicas que os professores tiveram nesse período; *Subcategoria 2.2: Feedbacks*: aqui identificou-se os feedbacks que os professores receberam por parte dos alunos e familiares.

Na Subcategoria 2.1 – Aprendizagens docentes: Os professores utilizaram diversas tecnologias ao longo desse período, tais como o Google Classroom, Facebook, Instagram, Whatsapp, Youtube, editores de vídeos, entre outros. Cada qual dessas ferramentas tiveram objetivos específicos. Aqui, selecionou-se a produção de vídeos onde os professores trabalharam com contação de história para que o trabalho tivesse um recorte com a intenção de diminuir o material para análise.

Como o foco é a Educação Infantil, a procura de recursos para manter os laços com as crianças e manter as aprendizagens e socialização, foi um processo que envolveu todos os integrantes. Assim, refere P2: “Foi realizada uma sondagem com as crianças sobre o que fazer durante esse processo de pandemia. Resolvemos criar vídeos onde as crianças pudessem assistir diversas vezes e quando quisessem, possibilitando aos pais um fácil acesso já que foram divulgados no YouTube e alguns pelo grupo de WhatsApp da turma.” A escuta desses sujeitos, direcionou o trabalho para a elaboração de vídeos, pois é um recurso que pode ser de aprendizagens, socialização e utilizado de forma assíncrona, uma vez que as crianças da EI precisam dos responsáveis para acessá-los. PAZZINI e ARAÚJO destacam:

O vídeo é um recurso tecnológico que permite experimentar sensações, do mundo e de nós mesmos, por isso sua necessidade de utilização em espaços escolares, [...] para diversificar as atividades, exigindo dos educadores um preparo inicial, como visualizar a qualidade do material, sua duração, som, imagem, cor e aspectos pedagógicos (cenas, linguagem, assunto etc.), pois formas inadequadas de uso podem comprometer o trabalho do professor (PAZZINI, ARAÚJO, 2013, p. 5-6).

Para pensar no roteiro dos vídeos de contação de história, na intencionalidade deles, na plataforma de divulgação, na edição do material foi exigido muito

conhecimento prévio (ou a ser aprendido) por parte dos professores. O momento de pensar a produção dos vídeos é igual a produção dos planejamentos pedagógicos nas aulas presenciais.

O roteiro é concebido de forma que o diálogo com os diversos campos de experiência se façam presentes, por meio das interações e brincadeiras. [...] A proposta se desdobra a partir de uma história narrada, de um jogo ou de uma atividade brincante que integra não somente a criança, mas também o adulto de referência que a acompanha nesse momento. (OLIVEIRA; LOBO, 2021, p. 4)

Frisando ainda, junto com os autores OLIVEIRA e LOBO (2021) que este roteiro deve ser flexível e que pode sofrer ajustes visando qualificar a proposta do trabalho. Lembrando que um dos principais pilares da EI é o de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar, promovendo a socialização, a autonomia e a comunicação (BRASIL, 2018).

E, atentando para a importância da EI nesse momento, pois de acordo com a Unicef (2021), a pandemia da COVID-19 teve um grande impacto na vida das crianças em todo o mundo. Algumas das maneiras pelas quais as crianças foram afetadas incluem a paralisação das atividades educacionais presenciais, o que dificultou o acompanhamento das crianças sem acesso a equipamentos eletrônicos e internet, além dos aspectos psicológicos, como questões de ansiedade, estresse e depressão causadas pelo isolamento social. Assim, tornou-se imprescindível a busca por novos recursos para o alcance desse público, conectando com a Lei de Diretrizes e Bases que aborda a importância da E.I no desenvolvimento da criança:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (2017, p. 22).

A BNCC (2017, p. 38) salienta a importância da leitura de textos literários para a aprendizagem e desenvolvimento da criança. Destaca que:

Ouvir a leitura de textos pelo professor é uma das possibilidades mais ricas de desenvolvimento da oralidade, pelo incentivo à escuta atenta, pela formação de perguntas e respostas, de questionamentos e pelo convívio com novas palavras.

Nesse sentido, salienta-se a importância da contação de histórias na EI, o que se corrobora com Abramovich (2005, p. 162), que diz: “[...] ouvir histórias é uma

possibilidade que a criança encontra para descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses e as soluções que todos os seres humanos vivem e atravessam ao longo da vida”. A contação de histórias é uma janela para o mundo que não pode ser fechada na EI e, nesse momento de pandemia, abriu-se uma janela virtual.

Nas palavras de P1, “[...] com o avanço da pandemia, fui quase que obrigado a perder a timidez e fazer vídeos para enviar para as crianças, áudios no whatsapp para as crianças, fazer propostas remotas, ler histórias... aprender a editar vídeos, pensar em luz, no que eu queria mostrar, como eu lia, como aparecia nos vídeos. Foi um grande aprendizado.”

As videoaulas exigiram uma forma diferenciada de planejar as aulas e construir recursos do que a forma presencial, podemos verificar que os professores tiveram que aprender a lidar com uma câmera, refletir sobre as suas falas que seriam gravadas, pensar em estratégias de gravação, aprender a editar e divulgar seus vídeos, criar páginas e canais, pensar em atividades de retorno para essas videoaulas, pensar em maneiras de atender ao público não alfabetizado, entre outros. Esse ponto está exemplificado no relato de P1: “Eu tive que aprender a editar os vídeos. os primeiros que fiz lendo histórias eu lia de uma vez só, não editava. Se eu errasse ou tivesse um barulho, fazia tudo de novo.” Na mesma linha, P3 refere que: “[...] com a vinda da pandemia tivemos que nos adaptar e fazer mais uso da tecnologia produzindo vídeos, histórias contadas e utilização de plataformas para dar aulas. Passei a criar uma página no Facebook e no Instagram para divulgar o meu trabalho e colaborar com pais e professores.”

Esses pontos destacados pelos professores, são trazidos por OLIVEIRA e LOBO (2021) que referem que o processo de construção de um vídeo prevê um cuidado gentil com todas as partes que compõem o roteiro visando uma experiência repleta de sentidos. E, quando falamos de E.I, não tem como não falarmos de cuidado, pois é uma das condições desse nível.

P2 também refere em relação ao cuidado, principalmente neste período atípico da pandemia: “No presencial toda semana as crianças levavam um livro para casa. Com a vinda do estudo online a escola transformou o projeto leva e traz virtual. Com isso escolhíamos algumas histórias e colocávamos na plataforma do Google Sala de Aula. E gravava a nossa voz em uma história para que a criança tivesse o contato também com a nossa voz.” Observa-se que o recurso da contação de histórias por meio de vídeos, cumpre várias funções, inclusive como uma das maneiras de o

professor se fazer mais presente no cotidiano dos alunos, a partir da oralidade.

Um ponto importante é apresentado por P5 que atua em rede privada e em rede pública, diz ela: “Na Prefeitura, nos revezamos na produção de atividades online e vídeos para as crianças, então vou te enviar somente os meus [...]” e, “Na Escola Particular, abrimos um Canal e organizamos o revezamento das produções [...]” E, conclui a sua fala com: “Na escola particular fizemos o mesmo movimento, porém com privilégios. Porque todas as crianças tinham um adulto letrado”. Assim, é importante considerar que as realidades são distintas e que a pandemia não modificou esse quadro, como refere Boaventura Santos (2020, p. 21): “Por um lado, ao contrário do que é veiculado pelos medias e pelas organizações internacionais, a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam.”

A demanda de planejamento e construção de material no presencial já é grande, porém na pandemia além de pensar o seu planejamento os professores tiveram que sair da sua zona de conforto e aprender a construir materiais com estrutura diferentes e, também receber o feedback dos alunos de modo diferenciado. Neste período os professores tiveram que adaptar a linguagem utilizada na sala de aula presencial para a linguagem digital, adequar o espaço privado para gravar os vídeos adquirir aquisição de itens como ring light (utilizado na iluminação dos vídeos) tripé para celular (para melhor enquadramento da câmera) microfones, fones de ouvido entre outros acessórios estão sendo largamente empregados para as produções de vídeos.

Alguns participantes relataram brevemente sobre a experiência de criar e gravar suas aulas sem ter o retorno direto dos alunos. Foram abordados também os empecilhos de trabalhar em casa, de não ter controle da sua turma, adaptar projetos e experiências que já aconteciam no presencial, a dificuldade na manutenção dos laços, a falta ou não de estratégias de sondagem, a possibilidade de assistirem os vídeos quantas vezes e quando quisessem foram alguns dos elementos citados pelos professores. Todos esses fatores fizeram parte das aprendizagens necessárias dos docentes durante esse período de distanciamento social.

A *Subcategoria 22: Feedbacks* mostrou a importância dos feedbacks recebidos pelos alunos e familiares para os ajustes no processo de ensino e aprendizagem. Na Educação Infantil o retorno não é realizado através de provas e devolutivas físicas. Muitas vezes é necessário que o professor tenha sensibilidade para observar o

desenvolvimento dos alunos a partir de ações e falas derivadas de intervenções para conseguir analisar o quanto está sendo aproveitado e, nem sempre este aproveitamento é algo que o professor tinha planejado atingir.

No cotidiano da E.I o professor tem a sua disposição elementos naturais para observar o desenvolvimento dos alunos, desenhos, diálogos, brincadeiras, interações, rodas de conversa... Mesmo distantes, os processos de avaliação devem ser focados no retorno das crianças, a definição do seu desenvolvimento depende dos feedbacks da própria criança e também guia o desenvolvimento do trabalho do professor e da escola (PLAZA; SANTOS, 2015). Importante destacar que durante o período pandêmico, no ensino remoto, essas possibilidades foram anuladas devido ao distanciamento social.

No ensino remoto com distanciamento podemos verificar que os pais tiveram muita importância no dar um retorno, o que o professor fazia antes de observar e auxiliar o aluno ficou a cargo dos pais num co-trabalho educativo. Esse ponto é ilustrado por P3, ao referir: “Como as crianças são bem pequenas, quem dava o feedback eram os pais. Que registraram esse momento através de vídeos, fotos e deixando mensagens na plataforma.” E, segue P5: “[...] as devolutivas em 2020 foram feitas através de comentários com envio de fotos ou escritas pelas famílias. Em 2021, as devolutivas de quem ainda estava em aulas remotas podem ser feitas pelo WhatsApp”.

Destaca-se a partir da fala de P2, a importância dos feedbacks, “Recebemos muitos elogios dos pais, demonstrando que as crianças estavam gostando das atividades propostas. Mas não foi no início que conseguimos acertar, foi preciso muita pesquisa com os pais, colegas e com as crianças para entender cada um e poder montar um planejamento que desse certo para todas as famílias.”

Já P2, exemplifica a dificuldade que os professores tiveram em aprender a trabalhar no ERE não somente em relação ao uso das tecnologias, mas também com práticas que alcançassem os alunos, principalmente os da E.I. que precisam de auxílio de adultos. Pois, como afirmam os autores Oliveira e Lobo (2021, p. 7): “Todo esse processo de construção prevê um cuidado gentil com todas as partes que compõem o roteiro em busca de propiciar uma experiência completa que esteja carregada de sentidos.”

Lembrando que, os professores também tiveram que realizar adaptações em relação às suas práticas e aos seus cotidianos como as famílias. O feedback, dessa

forma, mostra-se como um instrumento importante para avaliação de ambos os integrantes, visando o aprimoramento das aulas. Assim, a produção de vídeos, a partir dos feedbacks, foi melhorando, pois:

Para se produzir um vídeo, em geral, executam-se várias etapas, primeiramente trabalhar com a concepção e planejamento do material, com definição de conteúdo e abordagem sobre o tema, bem como uma boa roteirização, ou seja, uma definição da linguagem e dos diferentes recursos a serem utilizados (COSTA, SANTOS, s.d., p.12-13).

O planejamento é algo dinâmico dentro de uma sala de aula e, vai sendo modificado conforme o andamento dos trabalhos, as avaliações, os interesses e os feedbacks. Dessa maneira, modifica-se e aprimora-se o uso dos vídeos a partir dos feedbacks recebidos. Esse ponto é corroborado pela fala de P3: “Bem no início foi um grande desafio, afinal tive que sair da minha zona de conforto da sala de aula apenas com os meus pequenos. E me deparar em aplicar as aulas por vídeos chamadas pelo Zoom e Meet¹⁴ não só para os pequenos, mas também para os adultos responsáveis. Porém, aos poucos consegui dominar mais e até fazer com que os pais também participassem e ajudassem nas aulas.” Dessa maneira, é imprescindível que os professores reflitam sobre a importância que o feedback tem na condução das salas de aulas, pois eles permitem modificar o planejamento de forma a atingir os objetivos propostos, além de se pensar na necessidade de formação continuada para dar conta das demandas que vão sendo impostas no cotidiano das escolas.

A Categoria 3: Perspectivas após a pandemia: aqui procurou-se visualizar quais as possibilidades de uso de tecnologias que os professores acreditam ser passíveis de uso na continuidade dos processos de ensino e aprendizagem após o término da pandemia e do ERE.

Podemos visualizar através das respostas dos profissionais que se dispuseram a participar deste trabalho que uma parte enxerga claramente a possibilidade de utilizar o material produzido durante o período pandêmico em outras oportunidades. Todos compreendem que o uso forçado das tecnologias foi um impulso para desenvolver as suas habilidades com ferramentas digitais, mesmo visualizando uma diferença entre o atendimento privado e público, o trabalho dos professores foi o mesmo, atualizando a sua prática docente para a realidade.

Essa ideia é ilustrada por P1 que afirma: “Eu vou seguir na carreira de professor

¹⁴ Zoom e Meet: Plataformas de videoconferência e reuniões online.

universitário, assim a experiência de contar histórias e fazer propostas remotas é importante para a minha prática como professor/formador de novas professoras. No futuro, pretendo continuar lendo histórias no meu canal. Tudo depende das disciplinas que me aguardam no futuro próximo.” E, segue: “Uma história que foi lida para as crianças de forma presencial, pode ser enviada para casa como forma da família conhecer a história e a criança ouvir quantas vezes quiser.” E, P3 continua: “Manter o projeto dos livros virtuais na plataforma Google sala de aula.”

De maneira semelhante, P2 diz: “Ainda hoje nas aulas presenciais utilizo muitos materiais criados durante a pandemia em sala. Os vídeos são apresentados em sala também onde podemos criar outras mil possibilidades. As crianças são surpreendentes, às vezes a proposta daquele recurso ou trabalho muda totalmente, tornando a ideia muito mais prazerosa para eles.”

Esse ponto vai de acordo ao que trazem os autores Pazzini e Araújo (2013, p. 08) em relação ao uso de vídeos em sala de aula:

A utilização de vídeos garantiu uma aprendizagem significativa, entretanto, a presença do professor foi indispensável, pois foi com sua criatividade, bom senso, habilidades e experiência docente que se pode perceber as ocasiões adequadas para tanto.

Assim, observa-se que mesmo aqui, tratando de aula online, o uso de vídeos garante o seu espaço como uma prática pedagógica interessante para ser utilizada de forma presencial ou a distância. Um outro tópico é trazido por P1 que diz que aprendeu e pretende continuar utilizando também para questões administrativas: “[...] reuniões e orientações de TCC podem ser feitas por Zoom.” Ou seja, o uso das tecnologias pode ir além das salas de aula, entrando na gestão das escolas.

Aqui, novamente cumpre salientar a fala de P5 ao referir que: “Fato é que, há um abismo imenso entre a Educação nas escolas particulares e públicas e isso na pandemia ficou muito evidente”, o que é corroborado, como já explicitado, por Boa Ventura Santos (2022).

Evidencia-se, dessa maneira, que a escola precisa de mudanças e, o uso das tecnologias é uma dessas inovações que precisam ser implantadas, mas de forma refletida, considerando-se as práticas pedagógicas subjacentes aos seus usos e em consonância com as famílias e sociedades, para que o abismo, seja minimizado ao longo do tempo.

5. ANÁLISE GERAL

Todos os participantes desta pesquisa atuam com a educação infantil nas redes públicas e privadas de partes específicas do país (norte, sul e centro-oeste) o que indica que de alguma forma o trabalho docente se manteve de forma similar, mesmo com o distanciamento social, nestes casos específicos com o oferecimento de videoaulas por plataformas diferentes.

Estes profissionais utilizaram diversos recursos tecnológicos, porém o foco do trabalho foi a análise do recurso docente videoaulas. Sabemos que nem todos os alunos, principalmente das escolas públicas puderam ter acesso aos conteúdos e também sabemos que foi algo emergencial e que nem todos os professores estavam preparados para adaptar seus materiais didáticos para o ensino remoto, pois a maioria das escolas carece de formações e recursos específicos para as práticas com tecnologias. Esse ponto é destacado por José Moran (2004):

Infelizmente todos esses avanços tecnológicos continuarão privilegiando uma parte da população brasileira. A maior parte das escolas continuará repetindo fórmulas pedagógicas ultrapassadas, tendo acesso a poucos recursos tecnológicos, com professores mal remunerados e resultados comprometedores para o futuro profissional desses alunos. (MORAN, 2004, s/p).

Os profissionais que responderam ao questionário, afirmaram ter experiência prévia com as tecnologias para trabalho docente, derivadas de cursos básicos de informática e que utilizavam para criação de planejamentos, relatórios, projetos, projeto político pedagógico, apostilas, resumos, powerpoint resumindo, criação de material pedagógico em geral, no formato digital. Todos se situavam na faixa etária entre 27 a 48 anos e não são todos nativos digitais, porém estão imersos na cultura digital. Prensky (2001) relata que as novas gerações cresceram com tecnologias e estão inseridos em uma sociedade repleta de computadores, celulares e mecanismos de entretenimento digital, demonstrando a diferença de interações da nova geração para a passada com a tecnologia, que precisa se adaptar enquanto a nova simplesmente a usa. O autor ainda acrescenta as denominações “nativo digital” e “imigrante digital” para que tenhamos uma noção plena do significado desta questão geracional com relação a utilização das tecnologias, acrescentando que a maioria dos instrutores são imigrantes digitais. Deckert (2010) conversa com esta visão afirmando que a linguagem audiovisual é muito forte para a nova geração (jovens e alguns

adultos) e que é natural a alfabetização visual com o acesso a mídias faladas, escritas e musicais, características específicas de um vídeo. (p.19).

Analisando a diferença entre produzir materiais audiovisuais para o trabalho docente e para entretenimento, utilizarei como base as palavras de Deckert (2010, p. 31):

Quando se fala em vídeo para educação, estamos nos referindo não apenas ao registro documental de fatos, mas à exposição de materiais organizados propositalmente para a função de ensinar e aprender, utilizando-se na sua criação conhecimentos pedagógicos sobre ensino e aprendizagem.

Quase todos os participantes criaram e alimentaram um canal no Youtube (seja pessoal ou da escola), Instagram e Facebook para divulgar seu trabalho e colaborar com pais e professores como P3, por exemplo, que trabalhou durante a pandemia com histórias contadas e plataformas de aula online. Criou página no Instagram e no Facebook para divulgar seu trabalho docente e colaborar com professores e pais. O professor P1 criou um canal no Youtube para compartilhar suas videoaulas e pretende continuar alimentando-o com mais vídeos no pós-pandemia, pois considera um recurso valioso para trabalhar com as crianças e famílias.

Em comum, podemos ressaltar que as videoaulas disponibilizadas para acesso pelos participantes se trata de contação de histórias, como uma proposta de atividade, visando as interações entre escola e alunos, além de desenvolvimento da oralidade, socialização, afetividade, imaginação.

Compartilhar, criar e contar histórias durante o período pandêmico, no qual foi forçado um isolamento social e no qual as pessoas perderam a possibilidade de conviver, tocar e se relacionar com gente de fora do seu círculo doméstico, se relaciona à escrita de Clarissa Pinkola Estés, uma escritora que aborda questões psicológicas por meio de histórias populares. A autora afirma: “[...] as histórias conferem movimento à nossa vida interior, e isso tem importância especial nos casos em que a vida interior está assustada, presa ou encurralada” (ESTÉS, 2018, p. 34). De forma semelhante, SILVA¹⁵ (2021, p. 212-213) também destaca que: “[...] a leitura de histórias por meio de vídeos auxilia no desenvolvimento do senso de comunidade a partir das predileções das escolhas de textos compartilhados.”

As principais ferramentas para disponibilização de material e contato com as famílias foi pelo WhatsApp e Youtube possibilitando fácil acesso das famílias com

¹⁵ [Tempo de leituras durante a pandemia: reflexões a partir de uma autoetnografia](#)

ajuda de áudios, imagens, vídeos, explicando as propostas remotas, além das aulas síncronas.

Pelos relatos dos nossos sujeitos da pesquisa podemos verificar que os profissionais um pouco mais experientes nesta questão de edição de vídeos ficaram responsáveis por esse trabalho na sua escola e a colaboração entre colegas foi de extrema importância. Todos relataram que a experiência com videoaulas foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho nesse período de pandemia e afirmam que a realidade com o trabalho virtual é algo presente e que deve continuar a ser desenvolvido.

O Whatsapp foi uma das ferramentas mais citadas como suporte para comunicação com as famílias. Por ser um mecanismo popular, no qual boa parte da sociedade tem familiaridade, além de oferecer recursos fáceis e imediatos para comunicação. Porém na vida prática, a comunicação entre escola e famílias através do WhatsApp não foi só de sucessos. Citamos o relato de SILVA¹⁶ (2021) sobre esse ponto, que refere que os retornos pelo WhatsApp foram menos do que desejado, comparados a potência comunicativa do aplicativo. E, especificamente sobre o acesso às videoaulas durante a pandemia diz:

As escolas da infância são instituições fundamentais para a aprendizagem, socialização e desenvolvimento das crianças como cidadãos conscientes de seu papel ético e político no mundo em que estão inseridas. Vale lembrar que a Educação Infantil se constitui a partir do binômio cuidar e educar. Para além de garantia dos cuidados básicos (guarda, segurança, higiene, alimentação), a Educação Infantil é também um espaço educacional, de aprendizagem, de imersão e conhecimento do mundo (SILVA, 2021, p. 12)

Segundo o referencial teórico e as reflexões sobre o desenvolvimento do trabalho na pandemia dos participantes, a tendência é se apoiar nas tecnologias para o desenvolvimento do trabalho docente, pois as crianças estão totalmente conectadas à cultura digital e não faz sentido a escola não se adequar a isso.

O período pandêmico exigiu esforços escolares e familiares (ou de cuidadores) para que fosse mantido o contato entre escola e crianças. A educação infantil, nível educacional onde a presencialidade é de extrema importância para desenvolver habilidades sociais e emocionais foi bastante afetada, pois, muito além de conteúdos, a educação infantil precisa de contato e olho no olho. A aprendizagem é um processo

¹⁶ [“Tu vai ser meu professor no ano que vem?”: ações e reflexões de um professor iniciante na Educação Infantil](#)

que vai além de ter acesso aos conteúdos, necessita conexão professor e aluno, trocas de experiências e afetos.

Os participantes relataram ter usado diversas tecnologias além das videoaulas e realmente a habilidade de produzir e disponibilizar materiais audiovisuais demanda um conhecimento e habituação mais geral ao uso das tecnologias, exigindo que o profissional tenha noções da linguagem audiovisual, como fazer *upload* dos vídeos, editar os mesmos, proporcionar uma boa iluminação para gerar qualidade, acrescentar efeitos sonoros e transição de imagens, entre outros.

As crianças já têm acesso a multimídias e materiais audiovisuais fora da escola. A internet e as tecnologias móveis, segundo MORAN (2014), permitem que todos estejam juntos, em qualquer lugar e a qualquer hora, aprendendo de diversas formas (não exatamente de forma escolarizada). A internet e o acesso a mídias audiovisuais transformam o papel do professor, que tem que ajudar o aluno a encontrar sentido nas informações disponíveis no universo online, avaliar o que é mais relevante e estabelecer vínculos para enriquecimento dos alunos. Retomando a questão da relação geracional entre professores e alunos, destaco as palavras de LOUREIRO e MARCHI (2021) que relaciona as transformações sociais (e acréscimo históricas) com a relação das crianças com as mídias, atingindo instituições sociais (escola). Ele destaca que devemos pensar o que as crianças realmente fazem com as mídias, qual o resultado de seu acesso a elas? As experiências tecnológicas são diferenciadas dependendo da faixa etária, o que impacta adultos não é o mesmo que vai impactar as crianças, o que deve ser considerado nos planejamentos escolares.

Como resultado da análise dos questionários, as informações direcionam a uma mostra que as videoaulas foram eficientes como meio de contato entre professor e aluno impossibilitados de estarem juntos presencialmente.

Produzir videoaulas para a educação infantil é desafiador por questões de atendimento a faixas etárias e às especificidades de cada uma, muito distintas e que ainda não se adequam exatamente ao uso pleno das tecnologias, precisando de apoio das famílias e pais para ter sucesso nas propostas.

O acesso a internet e dispositivos é popular e pode ajudar a atenuar as distâncias. Observou-se que a tecnologia no contexto de pandemia não foi uma rival de atenção dos alunos e sim, que colaborou para o processo de ensino e aprendizagem, portanto, podendo ser integrada a práticas de ensino por ter se mostrado interessante e por ser conectada à nossa realidade de cultura digital. O uso

de videoaulas durante a educação infantil em contexto de pandemia veio para auxiliar na necessária manutenção do contato com as crianças mesmo em distanciamento, por ser imprescindível esse laço nessa fase tão importante para o desenvolvimento psicológico, intelectual e social. Este período foi importante para fortalecer a visão de que é possível ensinar e aprender além dos muros das escolas.

O contato entre escolas e crianças, imagem e áudio em contexto de pandemia demandou a participação ativa dos responsáveis das crianças bem pequenas, sendo assim o conteúdo das videoaulas foi compartilhado diretamente com adultos e crianças. Muitas das videoaulas citadas neste trabalho se conectam com o que as famílias e crianças estavam passando durante a pandemia e também eram uma resposta às solicitações das mesmas.

Finalizamos respondendo ao problema de pesquisa: Como as videoaulas contribuíram para os processos de ensino e aprendizagem da educação infantil no ensino remoto emergencial? Observamos que as videoaulas se transformaram em uma ferramenta eficiente para facilitar o contato com os professores e com as suas propostas pedagógicas em qualquer horário e em qualquer momento. Esta eficiência está relacionada à capacidade de acesso a recursos, tais como a internet de qualidade, celulares, computadores, tablets etc. Fora desta realidade esta eficiência é descartada, porém dentro do universo de pesquisa não houve essa dificuldade de acesso por parte dos profissionais, das crianças e suas famílias.

Relacionado aos processos de ensino, as videoaulas contribuíram como uma forma de conectar os professores e suas práticas pedagógicas às tecnologias que antes eram poucas utilizadas em sala de aula, mas como a sala de aula virou a casa das crianças e dos professores o único contato viável foi o virtual. Já na contribuição aos processos de aprendizagem, os feedbacks tiveram intervenção dos responsáveis ao contrário do que acontecia no presencial, onde o professor recebia o retorno das crianças diretamente, através de falas, desenhos e observações das reações das crianças, entre outras possibilidades. As fotos, comentários, áudios tiveram interferência direta dos familiares, não podemos saber o quanto é o retorno real das crianças, mas os registros de feedback destacados aqui demonstram a importância da manutenção do atendimento escolar remoto, como uma maneira de ressignificação da educação infantil, como instituição de educação colaborativa (responsáveis e escola) podendo os responsáveis e familiares visualizarem e participarem ativamente

do trabalho educativo, auxiliando e acompanhando as propostas e trabalho do professor que estava desenvolvendo a distância.

As contações de histórias são um recurso pedagógico bastante utilizado para chamar a atenção e sensibilizar as crianças para determinados assuntos e conteúdos. Plataformas de vídeos como Youtube e TikTok, que muitas crianças têm acesso, dão uma prévia do poder de atração das telas. As duas coisas conectadas se transformaram em um instrumento importante durante a pandemia para a manutenção do atendimento escolar e para as aprendizagens específicas da Educação Infantil.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem vivenciou os anos de 2020, 2021 e 2023 consegue visualizar o que vivemos como sociedade em isolamento social. A educação infantil, que por muitas vezes é oferecida em período integral (diferindo do ensino fundamental, médio e superior) e apresenta a característica de indissolubilidade entre o cuidar e o educar pela parte dos profissionais que nela atuam, foi uma das partes da sociedade mais atingida pelo isolamento forçado e o foco deste trabalho foi investigar como as videoaulas contribuíram para os processos de ensino e aprendizagem da Educação Infantil no Ensino Remoto Emergencial no contexto da pandemia do Covid-19.

A reinvenção do atendimento escolar da educação infantil durante a pandemia é um assunto a ser analisado por muitos anos ainda, procurando resgatar os esforços e materiais produzidos pelos profissionais neste período, a fim de também prosseguir utilizando as ferramentas e recursos daquela época no presente.

A comunicação com as famílias na educação infantil é algo essencial, no presencial, os responsáveis e professores abordam também aspectos sobre alimentação, comportamento, higiene e no ensino remoto, isso estava a cargo da família. No ensino remoto, o contato ficou menos sobre as particularidades das crianças e mais sobre o que o professor poderia mostrar para fortalecer o vínculo. Oito horas de trabalho? Seis? Quatro? No ensino remoto o trabalho aumentou a carga horária, pois o trabalho não era mais só planejar, era editar vídeos, engajar os alunos, procurar feedbacks e promover formas de manter os laços com as crianças.

Os professores participantes desta pesquisa falaram um pouco da angústia em ter que pensar em novas estratégias de contato com seus alunos, todos demonstraram um pouco de receio sobre o que fazer e como fazer, mas todos

conseguiram adaptar a sua prática, com o uso das tecnologias e, especificamente na E.I, com o uso de vídeo aulas para a contação de histórias, que é um dos principais instrumentos desse nível de ensino.

Não podemos negligenciar o desafio de grande parte das famílias ao ter que verificar como seus filhos iriam se conectar com a escola, seja devido às dificuldades de acesso à internet, computadores, tablets, celulares e outros dispositivos que pudessem cumprir essa função de manter o vínculo. No caso dos professores participantes nenhum alegou problemas para acesso, mas é uma realidade que tem que ser considerada para pensarmos em propostas futuras para o uso de tecnologias nos ambientes escolares. A reformulação da E.I no ensino remoto se construiu sob pilares de improviso e sensibilidade por parte dos profissionais, na prática a essência do espaço escolar para as crianças pequenas é impossível de ser transportada para uma prática a distância, pois a rotina de abraços, colos, toques, brincadeiras, vivenciar atividades no coletivo, entre outras situações que só o presencial proporciona.

Em relação ao uso das telas para o público da E.I, apesar desta pesquisa não focar nessa questão, é importante refletirmos sobre a quantidade de tempo e conteúdo do material a que estamos expondo nossas crianças, seja com fins pedagógicos ou recreativos.

As principais direções futuras de estudo relacionadas a esta pesquisa se encaminham para a análise de uso das videoaulas pós pandemia com foco no público da educação infantil, uma vez que já sabemos ser possível oferecer material de educação a distância para as crianças bem pequenas. Precisamos refletir sobre o como fazer essa prática de maneira que contemple os objetivos da contação de histórias na E.I, ou seja, de conduzir as crianças às aprendizagens cognitivas e afetivas. Dentro dessa proposta, pensar na questão da inclusão, visando acolher a toda a diversidade na proposta. Pensar na estética dos materiais audiovisuais para crianças pequenas é uma outra linha de estudos a ser seguida, por se tratar de um público muito específico que precisa de recursos visuais e auditivos elaborados e bem pensados (não é qualquer coisa que chama atenção das crianças).

Assim, reitera-se a importância da proposta de inserção de contação de histórias por vídeo aulas na Educação Infantil e, a necessidade urgente de formação de professores que contemplem o uso das tecnologias e práticas pedagógicas condizentes com o novo contexto dos nativos digitais.

Observação final: Apesar de estarmos falando sobre videoaulas o termo aula

não se encaixa totalmente para a E.I, pois nesta faixa etária a lógica das relações pedagógicas é outra, então podemos pensar em encontro como uma estratégia de linguagem para definir realmente o que acontece no cotidiano das escolas infantis.

9. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil e bobices. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2005.

ANTUNES, Amanda. A sociabilidade automatizada das crianças brasileiras nas redes sociais. Desidades, 2017. Disponível em: [A sociabilidade automatizada das crianças brasileiras nas redes sociais | DESidades](#) *Referência TOMAZ (2017)

ARAPIRACA et al. Contação de histórias em contexto EAD. 2012 Disponível em: <https://cadernodematerias.files.wordpress.com/2012/03/2010contextoead.pdf>

BARBOSA, Ivone G; SOARES, Marco A. A educação Infantil e a pobreza infantil em tempos de pandemia no Brasil: Existirá um “novo normal”? Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 35-57, jan./jan., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79044>

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1977. Disponível em: [bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf](#)

BRASIL Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: 1998. 3v. Disponível em: [REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL](#)

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil. Volume 1. Brasília. DF, 2006. Disponível em: [Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil](#)

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: [EDUCAÇÃO É A BASE](#)

BEZERRA, Alane da Silva. A educação infantil e o ensino remoto frente a pandemia covid-19: desafios enfrentados por professoras em Catolé da Rocha - PB. 2021. Disponível em: [UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA MODALIDADE À DISTÂNCIA ALANE DA](#)

CANDEIAS, Cezar Nonato Bezerra; CARVALHO, Luis Henrique Pereira de. O uso de videoaulas como ferramentas no processo de ensino e aprendizagem em química. In: 7º Simpósio Internacional de educação e comunicação (SIMEDUC), 2016, Aracajú - SE, nº de páginas: 14. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/download/3306/1234>

CHAER et al. A técnica do questionário na pesquisa educacional. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em: [A técnica do questionário na pesquisa educacional](#)

Constituição Federal de 1998. Disponível em: [Constituição Federal de 1988](#). Artigo 205: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/constituicao.pdf>

CORBELLINI, Silvana; BORGES, Leila. O uso das tecnologias: contribuições para a aprendizagem na educação infantil. Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância), São Carlos, ago. 2020. Disponível em: [O USO DAS TECNOLOGIAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL | Anais do CIET:EnPED:2020](#). Acesso em: 26 mar. 2022.

COSTA, Maria M. M. C; SANTOS, Leila M. A. Televisão e vídeo na escola. s.d. Disponível em: [TELEVISÃO E VÍDEO NA ESCOLA](#)

DALLACOSTA, Adriana et al. O Vídeo Digital e a Educação. Brazilian Symposium on Computers in Education (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação - SBIE), p. 419-428, nov. 2004. Disponível em: [Brazilian Symposium on Computers in Education \(Simpósio Brasileiro de Informática na Educação - SBIE\)](#)>. Acesso em: 18 mar. 2023.

DECKERT, Cláudia Alexandra Lichston. Vídeo como ferramenta educacional: desafios e possibilidades. Orientador: Marcelo Foohs. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em Mídias na Educação) - Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, Porto Alegre - RS, 2010. Disponível em: [VÍDEO COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES](#). Acesso em: 11 mar. 2023.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução: Waldéa Barcellos. 1º ed Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FILHO, Gabriel de Andrade Junqueira. Educação infantil e pandemia. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/educacao-infantil-e-pandemia/>

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995. Disponível em: [PESQUISA QUALITATIVA](#)

GOMES, Luiz Fernando. Vídeos didáticos: uma proposta de critérios para análise. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 89, n. 223, p. 477-492, set./dez. 2008. <http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/3710>

KLEIN, Miria Judite Back. O uso do vídeo na disciplina da matemática no ensino fundamental, 2012. Disponível em: [O uso do vídeo na disciplina da matemática no ensino fundamental](#)

Lei nº 9.394/1996. Lei de Diretrizes e Bases: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 2017. Disponível em: [LDB : Lei de diretrizes e bases da educação nacional](#). Acesso em: 12 mar. 2023.

LISAUSKAS, Rita. 'O YouTube é importante para as crianças'. Estadão, 2021. Disponível em: ['O YouTube é importante para as crianças' - Estadão](#) *Referência TOMAZ (2021)

LOUREIRO, C. C.; MARCHI, R. DE C.. Crianças e Mídias Digitais: um diálogo com pesquisadores. Educação & Realidade, v. 46, n. Educ. Real., 2021 46(1), p. e98076, 2021. Disponível em: [um diálogo com pesquisadores](#) Crianças e Mídias Digitais

LOPES, Darcilene Ramos. Educação Infantil: as práticas inovadoras e o uso das mídias como ferramenta de aprendizagem no município de Ananindeua/PA. Revista Educação Pública, v. 21, nº 41, 16 de novembro de 2021. Disponível em: [Educação Infantil: as práticas inovadoras e o uso das mídias como ferramenta de aprendizagem no município de Ananindeua/PA](#)

MACHADO, Regina. Acordais: Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

Ministério da Educação. UFRGS e COORLICEN. Edital N°01/2020. Seleção de Alunos Bolsistas e Voluntários dos Editais 01/2020 do Programa de Residência Pedagógica - UFRGS, 15 jun. 2020. Disponível em: [Inscrições para Residência Pedagógica – FACED](#). Acesso em: 11 mar. 2023.

MORAN, José Manuel. Como ver televisão. Leitura crítica dos meios de comunicação. São Paulo: Editora Paulinas, 1991

MORAN, José Manuel. 1995. "O vídeo Na Sala De Aula". Comunicação & Educação, nº 2 (abril):27-35. [O vídeo na sala de aula | Comunicação & Educação](#).

MORAN, J. Perspectivas (virtuais) para a educação. 2004. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/futuro.pdf>

MORAN, J. A escola se transforma mais lentamente do que desejamos e em ritmos diferentes. Entrevista a Alex Contin. Geekie, 2010. Disponível em: <https://www.geekie.com.br/blog/entrevista-jose-moran-escola-inovadora>.

MORAN, José Manuel. Autonomia e colaboração em um mundo digital. Publicado na Revista Educatix, n.7, 2014. Editora Moderna, p. 52-37. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/?page_id=29

OLIVEIRA; Cátia C. G; LOBO, Érica M. CONGRESSO DE ESTUDOS DA INFÂNCIA: MOVIMENTOS, LIMIARES E FRONTEIRAS, III., 2021, Rio de Janeiro. A educação infantil no contexto das audiovisualidades: construção de roteiros para videoaulas. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/processos/663447aefae48afb7cd.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

Organização Pan-Americana de Saúde. Histórico da pandemia de COVID-19. Disponível em: [Histórico da pandemia de COVID-19 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde](#).

PAZZINI, Darlin O. ARAÚJO, Fabrício V. de. O uso do vídeo como ferramenta de apoio ao ensino aprendizagem. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini_Darlin_Nalu_Avila.pdf?sequence=

PLAZA, Fernanda R. SANTOS, Uillians E. A avaliação da aprendizagem na Educação Infantil: recurso para a prática pedagógica. 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/jornadadonucleo/avaliacao-da-aprendizagem.pdf>

PRENSKY, Marc. Nativos Digitais e Imigrantes Digitais. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/bassoli/texto-1-nativosdigitaisimigrantesdigitais-1> 2001

QUIXABEIRA, Fernanda de M. A importância do uso do vídeo educativo no processo de ensino aprendizagem na educação infantil. 2020. Universidade Federal de

Alagoas. Disponível em: [UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA CAMPUS DO SERTÃO Fernanda de Melo Quixabeira A IMPORTÂNCIA](#)

ROCHA, E. A. C.. Infância e pedagogia: dimensões de uma intrincada relação. PERSPECTIVA. Florianópolis, v.15, n.28, p.21-33, jul.dez. 1997. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10628/10162>

ROCHA, E. A. C.. A pedagogia e a educação infantil. Revista Brasileira de Educação, n. Rev. Bras. Educ., 2001 (16), p. 27–34, jan. 2001. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/v3P9wYtgnVDf3DcVcywdLSK/?lang=pt#>

ROCHA et al. Infância, experiência e educação: apontamentos a partir de reflexões sobre a pequena infância. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/download/30577/22938>

SILVA, Marcelo Oliveira da. Tu vai ser meu professor no ano que vem? Ações e reflexões de um professor iniciante na educação infantil. 2021. Disponível em: [“Tu vai ser meu professor no ano que vem?”: ações e reflexões de um professor iniciante na Educação Infantil.](#)

SILVA, Marcelo Oliveira da. Tempo de leituras durante a pandemia: reflexões a partir de uma autoetnografia, 2021. [\(PDF\) Tempo de leituras durante a pandemia: reflexões a partir de uma autoetnografia | Marcelo O Silva - Academia.edu](#)

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Cruel pedagogia do Vírus. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020. São José dos Campos, SP: Fiel, 2020. Disponível em: https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf

UNICEF. Impacto da covid-19 na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens é significativo, mas somente a 'ponta do iceberg'. 2021. Disponível em: [Impacto da covid-19 na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens é significativo, mas somente a 'ponta do iceberg' – UNICEF.](#)

8. APÊNDICES

8.1 QUESTIONÁRIO

PERGUNTAS FORMULADAS PELA ESTUDANTE LAILY BRASIL DOS SANTOS, DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, RESPONDIDO ENTRE OS ANOS DE 2020/2021/2022 PARA FINS DE USO NO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA MESMA.

Meios de contato:

lailybrs@hotmail.com lailybrs@gmail.com Telefone/Whats: 051 984514905

1. Em negrito aparecem as perguntas a serem respondidas, sem o destaque aparecem informações orientadoras para auxiliar na formulação das respostas
 2. As respostas podem ser enviadas por áudio, vídeo ou por escrito. Caso seja do interesse do entrevistado, posso enviar um link utilizando o formulário Google para facilitar a escrita.
- **NOME/IDADE**
 - **ÁREA DE ATUAÇÃO: Opções:** Educação Infantil, Ensino Fundamental, Graduação, Ensino Médio, Cursos livres e outro (escrita livre)
 - **DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL:** (como se aproximou da docência, formações, anos de experiência, onde atuou, experiências significativas, espaço aberto para contar a sua história)
 - **1 EXPERIÊNCIAS COM TECNOLOGIA EM SUA VIDA PROFISSIONAL E PESSOAL** (espaço aberto para contar as suas experiências)
 - **2 INSERÇÃO DE UMA VÍDEOAULA OU MATERIAL DIGITAL UTILIZADO DURANTE PANDEMIA PARA FINS DE USO DO TCC** (Neste espaço o

entrevistado poderá colocar ou enviar um ou mais de seus materiais para uso - link, vídeo imagem - mediante conversa anterior de autorização para uso. Caso não haja a possibilidade de inserção de vídeos, pode colocar um roteiro/descrição ou resumo com especificações de onde foi disponibilizado (televisão, rádio, podcast, youtube, salas de aula virtuais, entre outros...) justificando as causas de não poder ser incluído neste momento.

- **3 COMO FOI O PROCESSO PARA A PRODUÇÃO DESTE MATERIAL?** (Existiu uma sondagem dos conhecimentos prévios da turma ou verificação das necessidades? Existiu adaptação de materiais para alunos com necessidades especiais? Como foi o processo de criação? Como foi o retorno dos alunos referente ao material? Que plataformas utilizou para divulgação das videoaulas ou do material digital? Quais ferramentas utilizar? Já sabia produzir vídeos ou outros materiais digitais ou teve que aprender? Escreva livremente sobre o processo)
- **4 EXEMPLO DE RETORNO DOS ALUNOS** (aqui os entrevistados vão inserir comentários, atividades feitas pelas crianças derivadas das videoaulas, exercícios, falas, áudios, fotos, qualquer material documental (que respeite o anonimato dos alunos ou que tenha permissão para uso por parte das famílias) onde possamos visualizar o impacto que os materiais digitais nos alunos e na sua aprendizagem)
- **5 REFLEXÕES PESSOAIS SOBRE SEU TRABALHO DURANTE A PANDEMIA** (livre escrita)
- **6 VISUALIZAÇÕES DE POSSIBILIDADES DE USO DOS RECURSOS DIGITAIS CRIADOS DURANTE A PANDEMIA NO ENSINO PRESENCIAL.** (inserir/enviar áudios, textos, vídeos de sua autoria, caso não seja possível enviar uma descrição detalhada do mesmo, qualquer coisa que possa nos ajudar a visualizar como usaria os materiais digitais no ensino presencial)
- **7 ENXERGA A POSSIBILIDADE DE TRABALHAR COM MATERIAIS E ESPAÇOS DIGITAIS DEPOIS DA PANDEMIA?** (livre escrita)

8.2 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA ALUNA LAILY BRASIL DOS SANTOS, DENOMINADO "A POTÊNCIA DO INSTRUMENTO DE TRABALHO DOCENTE CHAMADO DE VIDEOAULA"

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ORIENTADORA: Prof.^a Dra. Silvana Corbellini

Você está autorizando a sua participação em uma pesquisa, de natureza básica e exploratória, que investiga os usos e as potencialidades das videoaulas utilizando como base o relato específico de professores da Educação Infantil. A pesquisa tem como objetivo levantar hipóteses e destacar informações, validando a suposição que dá nome a este trabalho: mostrar a potência das videoaulas. Os objetivos gerais são focados em avaliar os usos das videoaulas no contexto da pandemia, interpretar relatos de profissionais da educação que trabalharam com esta ferramenta específica, citar trabalhos de teóricos educacionais que analisam o uso das tecnologias na educação e confirmar e defender a importância do uso das videoaulas em contextos de distanciamento social. É de extrema importância a sua autorização, para que eu, como pesquisadora, possa usar as respostas dos questionários que você já respondeu ou está respondendo e desenvolver a pesquisa. A etapa que você participou ou está participando, auxilia na geração de dados a partir da análise de vídeos produzidos por professores da educação infantil e relatos de experiência.

Ao consentir a sua participação na pesquisa, você está liberando o acesso as videoaulas produzidas e disponibilizadas por você (links enviados pelo WhatsApp, Google Documentos e Facebook). Você tem total liberdade para negar o uso de vídeos específicos ou desistir da participação a qualquer momento e por qualquer motivo.

Não serão divulgados nomes dos participantes (identificados com códigos na pesquisa) e nem aspectos particulares (apenas o estado e cidade onde trabalha, idade, formação e anos de experiência serão divulgados para fins de contextualização e especificação do lugar de fala).

Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; porém, é esperado que os resultados deste estudo contribuam para compreensão das

potencialidades das videoaulas durante a pandemia de covid-19 e também no uso docente pós pandemia.

Você não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicito o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa.

Por favor, siga preenchendo os itens que seguem neste formulário.

Agradeço a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais

lailybrs@gmail.com

(51) 984514905 (WhatsApp)

Este termo segue em cópia para o e-mail pessoal que você indicar a seguir.